



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

FEIJÃO.....	2
MILHO.....	2
HORTICULTURA.....	3
LEITE.....	3
FRANGO.....	4
SUÍNOS.....	5
COGUMELOS.....	8

O Boletim Conjuntural desta semana apresenta a análise do desempenho da agropecuária paranaense e nacional, compilando os dados e estimativas das divisões de estatística e conjuntura.

O Valor Bruto da Produção de 2025 aponta que a horticultura gera 4,8% da renda rural do estado, totalizando mais de R\$ 10 bilhões divididos entre a olericultura, fruticultura e floricultura, cumprindo o papel socioeconômico de fixação de emprego e renda nos municípios.

No setor de grãos, o mercado de feijão registra uma forte pressão nos preços de varejo devido à retração na safra do estado, que reduziu a estimativa de oferta total para um volume 40% menor do que o recorde de 2025. Paralelamente, o milho avança na colheita da segunda safra 2025/26. Embora o ritmo de campo esteja atrasado se comparado aos ciclos anteriores, a

concentração dos trabalhos entre os meses de julho e agosto não deve provocar gargalos operacionais relevantes para o produtor rural.

Nas cadeias de proteína animal e derivados, o mercado de leite demonstra uma recuperação nos preços pagos ao produtor paranaense em junho, enquanto os preços de varejo mostram estabilidade, mas sustentam alta anual com previsão de se manterem firmes ao longo do período frio.

No segmento de aves e suínos, a balança comercial brasileira de exportação manteve ritmo de expansão no acumulado de janeiro a maio de 2026, impulsionada pelo volume físico embarcado de carne “in natura” para mercados estratégicos como Filipinas, Japão e Arábia Saudita. O Paraná é o principal exportador na avicultura e ocupa a terceira posição nas exportações da suinocultura.

Por fim, o monitoramento da fungicultura revela o protagonismo do eixo Sul-Sudeste, com o Paraná em uma trajetória de crescimento.

Boa leitura!



FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Os preços do feijão-preto no varejo subiram 9% de maio para junho, acumulando uma alta de 11% nos últimos 12 meses. Cotado a R\$ 5,78/kg em junho de 2026, o produto segue em patamares inferiores aos do feijão-carioca, atualmente precificado a R\$ 9,02/kg, valor que também supera os registros do mês anterior e de um ano atrás. Essa valorização é reflexo direto da redução na safra paranaense.

Com a colheita da segunda safra praticamente finalizada, estima-se uma oferta total de 526 mil toneladas no agregado dos três períodos de plantio (1ª, 2ª e 3ª safras). Esse volume é 40% inferior ao recorde obtido em 2025 (879,9 mil t), retração motivada especialmente pela menor área dedicada à cultura. No campo, os preços recebidos pelos produtores também estão valorizados em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar de uma acomodação observada em junho.

Vale destacar que o Paraná é o principal produtor de feijão do Brasil, com protagonismo no feijão-preto, e o cenário para o próximo ciclo ainda é incerto. A alta volatilidade das cotações, nos últimos anos, tem inibido um melhor planejamento do setor. Apesar disso, os avanços no

desenvolvimento de novas cultivares têm permitido o armazenamento prolongado do grão sem perda de qualidade comercial. No longo prazo, essa tecnologia pode amenizar as oscilações de preço, favorecendo relações comerciais mais estáveis e justas.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O relatório semanal do Deral, divulgado nesta semana, apontou que a colheita da segunda safra de milho 2025/26 começou a ganhar ritmo mais intenso. Os trabalhos já alcançaram 10% dos mais de 2,9 milhões de hectares cultivados neste ciclo, ante 5% na semana anterior.

Da área ainda a ser colhida, a maior parte das lavouras encontra-se em fase de maturação (61%), enquanto os 39% restantes permanecem em frutificação.

Em comparação com as duas últimas safras, a colheita está relativamente atrasada. No mesmo período de 2025, os trabalhos já haviam superado 29% da área cultivada, enquanto em 2024, de forma atípica, o percentual alcançava 66%.

Do ponto de vista do planejamento do produtor, a concentração da colheita nos meses de julho e agosto não deve gerar gargalos relevantes.



HORTICULTURA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

O Valor Bruto da Produção Agropecuária/VBP paranaense em 2025, elaborado pela Divisão de Estatísticas Básicas deste departamento, estima um montante gerado de R\$ 212,6 bilhões nos campos estaduais, com destaque para as proteínas animais, produção de grãos e cereais indicando a potência econômica das atividades rurais.

Com uma representatividade diluída frente a densidade do agronegócio estadual, a Olericultura, a Fruticultura e a Floricultura, isto é, a Horticultura, ocupa uma fração de 4,8% desta renda bruta.

Os R\$ 5,8 bilhões movimentados pela Olericultura respondem por 2,7% VBP estadual, com mais de 50 hortaliças analisadas. O Tomate (R\$ 954,3 milhões) teve a liderança dos negócios, cuja parcela foi de 17,0% do segmento, seguido pela Batata (R\$ 671,8 milhões), que participou com 12,0%. Representando 71,0% do total do setor, os demais produtos da horta contribuíram com R\$ 3,9 bilhões brutos.

Considerando as 37 fruteiras cultivadas e acompanhadas pelo estado, a Fruticultura participou com 2,0% do VBP 2025 da agropecuária. A Laranja com R\$ 1,3 bilhão liderou com 30,7% do total, seguida

pelo Morango, cuja renda bruta gerou R\$ 726,4 milhões de valor e parcela de 17,1%. A Uva (R\$ 389,7 milhões), a Tangerina (R\$ 278,9 milhões) e a Goiaba (R\$ 263,5 milhões) participam com 9,2%, 6,6% e 6,2% respectivamente, estas cinco frutas representam 69,7% do VBP do segmento.

A Floricultura com a exploração de mais de 40 espécies movimentou R\$ 271,0 milhões no período analisado e um diminuto quinhão de 0,1% no VBP estadual.

Mesmo com participação acanhada na Economia Rural do estado, a Horticultura se reveste de importância nas regiões e nos municípios onde está inserida, gerando empregos e renda tanto no campo como nas cidades, nos mais diversos elos das cadeias de fornecimento e produção.

LEITE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Os preços recebidos pelos produtores paranaenses por cada litro de leite entregue à indústria ganharam fôlego durante o mês de junho. Comercializado, em média, a R\$ 2,70 por litro no estado, o produto registrou alta de 2,37% em relação ao mês anterior. Além disso, a diferença entre o preço praticado em junho de 2026 e o observado em junho de 2025 diminuiu, passando para -4,68%.

No varejo paranaense, o preço médio do leite longa vida apresentou pouca



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

variação, recuando de R\$ 5,35 para R\$ 5,32 por litro. Em comparação com o mesmo período do ano passado, contudo, o produto ainda acumula alta de 6,84%. Para os próximos meses, a expectativa é de que os preços permaneçam em patamares elevados, perdendo força apenas com o fim do período mais frio do ano.

FRANGO

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Exportações de carne de frango de janeiro a maio de 2026: +11,8% em faturamento e +9% em volume. De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o faturamento do primeiro pentamestre de 2026 alcançou US\$ 4,624 bilhões, o que representa uma alta de 11,8% em comparação aos US\$ 4,135 bilhões registrados no mesmo período de 2025. O volume total embarcado também apresentou crescimento, com índice positivo de 9% ao totalizar 2.387.126 toneladas contra as 2.189.696 toneladas do ano anterior.

No período analisado, o país exportou 88,4% de carne de frango na forma “in natura” – inteiros e cortes – e apenas 58.695 toneladas, na forma de industrializados (2,5%). Observou-se uma alta de 9,1% no volume de carne de frango “in natura”

exportada: 2026 (2.112.366 toneladas) e 2025 (1.936.298 toneladas). Do lado do faturamento do produto “in natura”, o que se observa é uma elevação da ordem de 11,8% no acumulado dos cinco meses do ano em curso (2026: US\$ 4,096 bilhões e 2025: US\$ 3,663 bilhões).

Três fatores contribuíram para esses números, de janeiro a maio do ano corrente: a alta no volume exportado (+ 9,1%), o maior faturamento (+11,8%) e a alta de 2,5% no preço médio da carne de frango “in natura” exportado (2026: US\$ 1.938,29/tonelada e 2025: US\$ 1.813,16/tonelada).

O valor das exportações totais de carne de frango, nos cinco meses do ano corrente, alcançou US\$ 4,624 bilhões, resultado da elevação dos preços médios da ordem de 2,6% (2026: US\$ 1.937,20/ t e 2025: US\$ 1.888,11/t) e do maior volume exportado (+ 9%).

O Paraná exportou 1.005.081 toneladas no acumulado dos cinco meses deste ano, um número 11,4% maior ao registrado em igual período de 2025 (902.234 toneladas). A receita correspondente foi de US\$ 1,836 bilhão, montante 10,3% maior do que o registrado no mesmo período de 2025, que acumulou US\$ 1,665 bilhão. O maior faturamento foi mais em função do maior volume exportado (+ 11,4%), pois ocorreu



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

retração no preço médio obtido (- 1%): 2026 (US\$ 1.826,88/t) e 2025 (US\$ 1.844,97/t).

Da exportação total paranaense (1005.081 toneladas), 88,6% correspondeu a produtos “in natura” (890.432 toneladas), vendidos pelos seguintes valores: 2026 (US\$ 1.818,29/t) e 2025 (US\$ 1.813,16/t), apenas 0,3% maiores que aqueles obtidos em igual período do ano anterior.

Em termos das exportações totais, destaca-se o estado de Santa Catarina, com 543.115 toneladas (+ 9,3%), o Rio Grande do Sul, com 317.897 toneladas (+ 3,4%), São Paulo, com 145.326 toneladas (+ 10,1%) e Goiás, com 126.756 toneladas (+ 13%). No tocante ao faturamento o desempenho dos estados acima, foram: Santa Catarina (+ 13,5%), Rio Grande do Sul (+ 11%), São Paulo (+ 21,9%) e Goiás (+ 13,2%).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2026 (janeiro a maio) foram (volume / faturamento): 1º - China (235.205 toneladas e US\$ 626,965 milhões); 2º - Japão (195.284 toneladas e US\$ 493,865 milhões); 3º - Arábia Saudita (180.716 toneladas e US\$ 427,544 milhões); 4º - Emirados Árabes Unidos (165.627 toneladas e US\$ 316,730 milhões) e 5º - África do Sul (159.008 toneladas e US\$ 94,669 milhões). O desempenho dos cinco principais países importadores foram (toneladas): China (+ 4%); Japão (+ 29,1%); Arábia Saudita (+

7,2%); Emirados Árabes (- 9,4%) e África do Sul (+ 21,9%). No que diz respeito ao desempenho do desembolso financeiro com as importações, foi o que segue (US\$): China (+ 16%); Japão (+ 59,6%); Arábia Saudita (+ 66,3%); Emirados Árabes (- 13,4%) e África do Sul (+ 11%).

Outros cinco principais exportadores são: 6º - Filipinas (129.835 toneladas e US\$ 112,330 milhões), 7º – Países Baixos (103.522 toneladas e US\$ 341,350 milhões), 8º - México (94.167 toneladas e US\$ 202,952 milhões), 9º - Coreia do Sul (84.816 toneladas e US\$ 185,890 milhões), e, 10º - Singapura (67.280 toneladas e US\$ 136,171 milhões).

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De janeiro a maio de 2026, as exportações brasileiras de carne suína registraram crescimento de 12,5% em faturamento e de 14% em volume, na comparação com o mesmo período de 2025. De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), a receita gerada nos cinco primeiros meses do ano corrente atingiu US\$ 1,530 bilhão, superando o montante de US\$ 1,360 bilhão registrado em igual intervalo do ano anterior.



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

Esse avanço financeiro foi impulsionado pelo maior volume embarcado, que totalizou 643.721 toneladas, frente às 564.446 toneladas de 2025. Em contrapartida, os preços médios apresentaram retração de 1,4%, passando de US\$ 2.409,18 por tonelada em 2025 para US\$ 2.376,19 por tonelada em 2026.

No segmento de carne “in natura”, que engloba carcaças e cortes, o país concentrou 88,3% de suas exportações totais, somando 568.423 toneladas, o que representa uma alta de 11,8% sobre as 508.238 toneladas do período anterior. Já os produtos industrializados responderam por uma parcela de apenas 0,8%, somando 4.876 toneladas. O faturamento da carne suína “in natura” acompanhou o ritmo de crescimento e subiu 11,7%, alcançando US\$ 1,427 bilhão em 2026 contra US\$ 1,278 bilhão em 2025, compensando a leve retração de 0,2% constatada em seu preço médio por tonelada, que recuou de US\$ 2.514,21 para US\$ 2.510,45.

O Paraná embarcou 98.867 toneladas nos cinco primeiros meses de 2026, volume 9% superior às 90.725 toneladas registradas em igual período de 2025. A receita cambial do estado atingiu US\$ 232,294 milhões, com um incremento de 1,1% em comparação aos US\$ 229,762 milhões anteriores. Esse resultado financeiro foi garantido pelo ganho

de escala física, uma vez que o preço médio da carne suína paranaense recuou 1,1%, situando-se em US\$ 2.349,56 por tonelada.

Do total exportado pelo Paraná, 87,8% correspondeu ao produto “in natura”, totalizando 86.836 toneladas, vendidas a um preço médio de US\$ 2.529,84 por tonelada, valor 5,6% menor do que os US\$ 2.681,23 obtidos em 2025.

Entre os demais estados exportadores, no período de janeiro a maio de 2026, Santa Catarina liderou com 308.395 toneladas e crescimento de 3% em volume e de 6,2% em faturamento. O Rio Grande do Sul ocupou a segunda posição com 167.072 toneladas, mostrando expansão de 38,4% em volume e 37,4% em faturamento. Na quarta colocação, o Mato Grosso registrou 20.849 toneladas, com incremento de 37,9% em volume e 37,8% em receita, seguido por Minas Gerais, em quinto lugar, que somou 18.849 toneladas, com evolução de 33,3% em volume e 22,4% em faturamento.

Os principais destinos da carne suína brasileira, no acumulado de janeiro a maio de 2026, foram liderados pelas Filipinas, que importaram 181.457 toneladas (+47,3%), com um desembolso de US\$ 414,704 milhões (+50,6%). O Japão figurou em segundo lugar com 75.113 toneladas (+76,5%) e faturamento de US\$ 250,392 milhões (+70,3%). A China ocupou a terceira



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

posição com 52.860 toneladas, embora tenha registrado queda tanto em volume (-34,3%) quanto em desembolso (-33%), gerando US\$ 118,236 milhões. O Chile posicionou-se em quarto com 48.822 toneladas e faturamento de US\$ 113,229 milhões, registrando variação de 10,7% em volume e de 3,4% em receita cambial. Hong Kong fechou o grupo dos cinco maiores mercados com 42.042 toneladas (+23,6%) e receita de US\$ 90,997 milhões (+32%). Completando o ranking dos dez maiores compradores em volume e faturamento aparecem Cingapura com 25.240 toneladas (US\$ 66,706 milhões), Argentina com 23.868 toneladas (US\$ 62,214 milhões), Uruguai com 22.310 toneladas (US\$ 58,308 milhões), México com 21.914 toneladas (US\$ 50,707 milhões) e o Vietnã com 16.627 toneladas (US\$ 39,303 milhões).

Esse panorama positivo reforça a tendência de crescimento observada no balanço consolidado dos anos anteriores. Ao longo dos doze meses de 2025, a exportação nacional de carne suína acumulou alta de 12,5% em volume e subiu 19,6% em faturamento, em comparação a 2024. A receita total atingiu o montante de US\$ 3,577 bilhões em 2025, frente aos US\$ 2,992 bilhões consolidados em 2024, enquanto a quantidade total comercializada passou de 1.307.502 toneladas para 1.470.691 toneladas.

O Paraná respondeu, em 2025, por 16% do volume total do país e por 16,7% da receita cambial, registrando avanço de 28,5% em quantidade e de 40,9% em faturamento ao saltar de 183.632 toneladas (US\$ 423,680 milhões) em 2024 para 235.988 toneladas (US\$ 596,988 milhões) em 2025. No encerramento de 2025, os outros quatro principais estados produtores e exportadores registraram as seguintes posições acumuladas em volume e faturamento: Santa Catarina liderou com 748.719 toneladas e US\$ 1,854 bilhão, seguida pelo Rio Grande do Sul com 341.084 toneladas e US\$ 801,340 milhões, Mato Grosso com 37.410 toneladas e US\$ 79,926 milhões e Minas Gerais com 36.420 toneladas e US\$ 77,205 milhões.

Em termos comparativos sobre o ano de 2024, a performance em volume foi de alta para Santa Catarina (+4,1%), Rio Grande do Sul (+21,6%) e Minas Gerais (+22,1%), enquanto o Mato Grosso teve recuo de 1,3%. No faturamento anualizado, todos apresentaram evolução positiva, com altas de 19,4% para Santa Catarina, 28,1% para o Rio Grande do Sul, 20,1% para o Mato Grosso e 29,9% para Minas Gerais.

Por fim, os principais destinos internacionais da carne suína brasileira no ano cheio de 2025 foram liderados pelas Filipinas com 381.272 toneladas (US\$ 885,077 milhões e alta de 60,2% em volume),



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

seguidas pela China com 159.068 toneladas (US\$ 363,914 milhões e recuo de 34,0%), Chile com 117.544 toneladas (US\$ 293,318 milhões e alta de 4,4%), Japão com 114.469 toneladas (US\$ 390,343 milhões e alta de 22,6%) e Hong Kong com 110.953 toneladas (US\$ 262,734 milhões e alta de 3,7%).

COGUMELOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

A produção de cogumelos comestíveis no Brasil desenha um cenário de forte concentração regional e um mercado interno com enorme potencial de expansão. Historicamente, conforme os dados do Censo Agropecuário do IBGE, o Sul e o Sudeste dominam o setor. São Paulo lidera, detendo 87,3% do mercado nacional (com 11,1 mil toneladas e faturamento de R\$ 112,6 milhões), seguido por Minas Gerais, com 5,4% (685 toneladas), e pelo Paraná, com 3,9% (495 toneladas). Juntos, esse trio responde por mais de 96% de toda a produção do país, que movimenta um Valor Bruto de Produção (VBP) superior a R\$ 135 milhões.

Dados do Deral mostram que a produção paranaense saltou para 982,1 toneladas, gerando um VBP de R\$ 21,092 milhões. Oficialmente, o estado monitora o desempenho de duas variedades principais: o Champignon de Paris, que lidera de forma

absoluta com 933,3 toneladas (VBP de R\$ 19,8 milhões), e o Shiitake, com 48,5 toneladas (VBP de R\$ 1,1 milhão). No entanto, o campo conta também com cultivos ativos de Cogumelo do Sol, Shimeji e Portobello.

No mapa dessa produção estadual, cinco municípios se destacaram no último ano: Castro, com 25 toneladas, que com valor agregado gerou R\$ 5,594 milhões; São José dos Pinhais (246,2 toneladas); Tijucas do Sul (230 toneladas); Palmeira (61 toneladas); e Agudos do Sul (25 toneladas).

Apesar desse avanço em solo nacional, a produção brasileira ainda está longe de suprir a demanda interna. O país necessita recorrer fortemente ao mercado internacional para abastecer suas gôndolas, o que evidencia um horizonte promissor para novos investimentos locais.

De acordo com o sistema Agrostat do Ministério da Agricultura (MAPA), no primeiro pentamestre (janeiro a maio), as empresas brasileiras importaram 3.865 toneladas de cogumelos, gerando um gasto cambial de US\$ 7,206 milhões. A China desponta como o principal parceiro comercial, fornecendo 3,748 toneladas desse total, ao custo de US\$ 5,867 milhões.

Ainda assim, o ritmo de compras externas pisou no freio na comparação com o ano anterior, registrando uma queda de



Boletim Conjuntural Semana 28/2026 – 9 de julho de 2026

29,4% no volume importado (que havia sido de 5,476 toneladas) e uma redução de 18% na despesa cambial (que somava US\$ 8,785 milhões). O restante do abastecimento externo do período foi complementado por volumes menores vindos do Peru, Itália, Estados Unidos, Alemanha, Japão, França e Espanha.

Na relação comercial com os Estados Unidos, quase a totalidade do volume importado do mercado norte-americano — 17,2 toneladas das 17,8 toneladas totais, a um preço médio de US\$ 2,33 por quilo — foi composta por micélios de cogumelos destinados especificamente ao território paranaense. O micélio, que funciona como a "semente" ou a base biológica para o início do cultivo, representa a importação de biotecnologia para fortalecer os produtores locais. No ano anterior, a aquisição dessas matrizes havia sido ainda maior, alcançando 33,6 toneladas com um preço médio de US\$ 1,99 por quilo.

Na outra ponta das importações comerciais, o produto que entra em maior volume no Brasil é o *Agaricus blazei*, popularmente conhecido como Cogumelo do Sol, vindo majoritariamente da China. Esse fluxo movimentou 3.495 toneladas (US\$ 5,493 milhões), apresentando um recuo frente às 5,163 toneladas registradas em igual período do ano anterior. Os principais

destinos dessa variedade chinesa no país foram Santa Catarina, Paraná, Rondônia, Alagoas e Minas Gerais.

Quando analisamos os destinos da importação de cogumelos no primeiro pentamestre de 2026, a Região Sul desponta na liderança nacional, concentrando 56,9% do volume total (2.197.722 kg). A Região Norte aparece logo em seguida com 21,1% do mercado (817.250 kg), enquanto o restante do volume foi distribuído entre as regiões Sudeste, com 10,1% (391.621 kg), Nordeste, com 9,8% (379.746 kg), e Centro-Oeste, que respondeu por 2,1% (78.436 kg). Esse fluxo comercial consolidou os cinco maiores estados importadores do país no período: Santa Catarina lidera o ranking com 1.259.698 kg (US\$ 2,141 milhões), seguida de perto pelo Paraná, com 889.502 kg (US\$ 1,472 milhão), Rondônia (791.082 kg), Alagoas (346.536 kg) e São Paulo (114.023 kg). Esse desenho reforça o papel estratégico do Sul não apenas como um polo produtor em franca ascensão, mas também como o grande ponto focal do comércio global de fungicultura no Brasil.